

Compre
0. ASG 1997

homens & factos do dia

SEMANARIO DA VIDA MUNDIAL

ESCRITORIOS NO PORTO
Avenida dos Aliados, 71 — (provisório)

REDAÇÃO (PROVISORIA)
BARCELOS

EDITOR
Carlos Moreira

50 Cts.

DIRECTOR

Reporter

X

SABADO
10 DE AGOSTO
1929
N.º 2

O pintor japonês ou o bulgaro-nipónico-minhoto — Recordações do sr. Ministro dos Estrangeiros — A benção papal e as negociatas da guerra — As mulheres-homens — Os amadores das letras — O poeta e o cavalo — O ministro, o actor e os salamaleques — Evocação e decifração dum velho e sinistro inigma.

A «ultima» sensacional de Foujita

CONTA-SE a «ultima» do pintor Foujita como se se tratasse da endabrada e velhissima Mistinguette. Foujita é japonês—mas não é pela bizzaria da sua raça que ele merece crónica. Não recorda os samurais d'arnez em escamas d'ouro e dos sublimes *hara-kiris*; nem amores com suaves *gheisas*, nem sequer os seus csmaradas artistas—esses delicados inventores de aves policromas nunca imaginadas pelo creador que surgem voando em prata sobre florestas rubras dos kimonos de Osoka. Foujita desnaturalizou-se e é hoje muito mais parisiense do que o Duval do «Bosullon» ou do que Sacha Guityr.

Os sinfonicos gozam de justa fama de nacionalistas. O seu sentido de patria; a sua ligação umbilical á terra ultrapasam razões e raciocínio. É mais do que uma virtude; é uma aberração; um vicio; uma hipnose. E precisamente nenhuma raça como a japoneza apresenta excepções de despaizamento mais berrantes do que o Japão. Conheci um filho de Tokio em Santarem que cantava o fado, que se embebedava com vinho da região, que namoriscava três donzelas ao mesmo tempo, que espancava a amante, e que já dizia mal de Portugal—como qualquer portuguez... E isto dez meses depois de ter desembarcado em terra lusa! Foujita fixou-se em Paris—e ainda ha poucos meses uma revista franceza o apresentava fotograficamente numa praia do norte com a seguinte legenda: «Foujita, o pintor da moda, com boina espanhola, «pullers» ingles, luvas italianas, meias suecas e sapatos holandezes—acompanhado de sua esposa, que é polaca. «E se ele conserva o titulo da sua nacionalidade e os seus olhos recudados e o tom alimonado da cutis asiatica—é porque ser oriental valoriza com mais um ponto a totalização do seu cosmopolitismo; e ser cosmopolita, ser internacional—é ser parisiense *pur-sang*. Vem a proposito recordar a anedocta atribuida a Denoit, antigo director do «Olympia» que aconselhava a uma jovem cancionista estriante: «Olta minha filha: se tu queres triunfar não digas que nasceste em Paris. Se que és russa—isto porque não quererás pintar-te de preto. Se em vez de branca e loura fosses d'ebano e tivesses carapinha como Josefina Beker garantias-te já um belo contrato e o casamento com um duque da mais velha nobreza da França.»



Pintor Foujita

Mas isto vem a proposito da «ultima» de Foujita. Os jornais francezes anunciavam ha pouco, com berros d'escandalo, que ele dera uma escapadela de Dauville e da esposa. Posso revelar-lhes o segredo dessa escapadela: Foujita na sua ansia vertiginosa de internacionalismo vive agora a poucos kilometros da casa onde escrevo esta crónica, ou seja em Portugal; ou seja no Minho; ou seja... Basta! O que veio fazer aqui? Acompanhar uma senhora que aumentou ha quatro dias a população da terra com mais uma unidade...

do sexo masculino. Um filho portuguez, um filho minhoto—é o que faltava a Foujita! E como a esposa n.º 1 era polaca, a n.º 2 é...—advinhem? — Buegeral

O Dr. Trindade Coelho, Hindenburg, o Papa e os traidores

Vai para seis anos que um creado da Brasileira do Chiado—o já célebre «João Franco»—me veio chamar porque me reclamavam ao telefone. «Daqui é Reinaldo Ferreira. E daí?» «Trindade Coelho». Que desejava entrevistar-se comigo—disse. Fui. Eu não o conhecia pessoalmente. Observei-o... Alto, magro, muito medido e recortado em gestos e tons de voz acolheu-me com gentileza. Falou-me muito na «Accion Française»; e falando-me olhava com frequencia para um retrato de Mussoline dependurado na parede fronteira. O célebre ditador italiano parecia stral-lo como um espelho do seu fisico; e o jornal de Daudet e de Maurras como um espelho do seu pensamento. Convidava-me a testar as minhas reportagens em «O Século»—o que acertei. Durante todo o tempo que trabalhei sob a sua direcção dei-me sempre bem com ele. Recordo-me até de uma anedocta que não faz mal fixar aqui. Um dia alguém o avisara que o marechal Hindenburg viajava incognito, num navio alemão que se encontrava no Tejo—e que entrevistar-lo seria mais difficil do que abordar Deus nas alturas... Parti, em grande velocidade e trepei para o barco—um encardido carvoeiro pouco proprio para o transporte de tão illustre viajante; e quando confessei ao comandante a razão da minha visita este casquinhou uma gargalhada dinamital Trazia, sim, a bordo um «Hindenburg»—um «Hindenburg» marinheiro e d'alcunha. Era um velho marítimo agigantado, que me appareceu descalço por andar na faina e cujo rosto, onde as patilhas peludas se uniam ás guias da bigodeira acinzentada se assemelhava ao do futuro presidente da Republica Prussiana como se fosse seu irmão gêmeo. E dessa parecnça lhe viera o apêdo de «Hindenburg».

Retratou-se o marinheiro para fazer com a sfto um comentario humorístico; e de regresso ao Século não encontrei o Dr. Trindade Coelho. E quando este reencontrou na redação e viu o retrato ficou rejubilante com o triunfo jornalístico... «O Século» conseguiu descobrir o celebre marechal—e surprendera-o no seu esconderijo e com o seu disfarce de marinheiro! Era uma victoria internacional! Só se admirava da minha demora... Dez horas; onze; meia noite—e eu não apparecia. Pois bem... A entrevista ficaria para o dia seguinte—mas matar-se-hia a «caixa» contanto ao publico que o marechal Hindenburg, cujo misterioso desaparecimento intrigava toda a Europa, fora farejado e kodakizado pelo Século! E a noticia chegou a ser linotipada. Felizmente, á uma da madrugada entrava eu no jornal e evitei que a anedocta... passasse ao dominio alheio...

Recordei neste momento as minhas relações profissionais com o sr. Dr. Trindade Coelho e este pequeno e risonho episodio a pretexto da sua ascensão ao Ministerio dos Estrangeiros. E já agora que me seja permitido sublinhar dois gestos de Sua Excelencia... Um—o seu triunfo pessoal de ter obtido do Papa a benção para todos os portuguezes: eis um beneficio que eu es-

tava longe de merecer. O outro—a sua promessa de rever todas as negociatas infames cometidas á custa do sangue portuguez durante a guerra. A essa promessa daria eu, se fosse Papa, a minha mais sincera e entusiastica benção porque aceito de toda a alma que o novo ministro consiga desentranhar da impunidade todos os traidores.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Ministra

A Sr.^a D. Margaret Bondfield é, nada mais nada menos, do que a Ministra do Trabalho do novo governo ingles. Não julguem que a infleiro nos «Homens do Dia» (que como homem a considero) para lamentar o marido que ficou com piugas por cozer e os filhos que choramingam a impontualidade do jantar—enquanto ella discute com Mac Donald o com o proprio Jorge V as vantagens dum decreto da sua autoria. A vida moderna—neia já se vê, não incluo Portugal—a maquinaria das necessidades está lubrificada de maneira a que uma mulher, trabalhando fóra de casa ganha o suficiente para pagar quem a substitua em todas as missões domesticas e ainda para enrequecer o peculio do casal. De facto, a minha sensibilidade arrepiou-se, intuitivamente ante essas mulheres que desertam da vida normal para exercerem cargos que didicamente, não lhes compete. Não é inveja pessoal—porque eu nunca podia aspirar a ser Ministra do Trabalho de Inglaterra.



Margueret Bondfield
Ministra do Trabalho

Não é «bota de elastico» a impedir ao espirito—porque sou uma janela escancarada ás luzes, não só do dia de hoje como ás dias de amanhã. É o primitivismo de «majos»—o mesmo que me leva a protestar contra as freiras por furtarem á humanidade o «fruto bendito o seu ventre». Não ha discussão possível. A mulher é mulher—e para deixar de o ser preciso que a Natureza a fadé para uma missão superior. Do contrario ha sempre prejuizo no balanço das faltas contra os beneficios da sua obra maculinas. Já se vê que me mereço muito mais respeito a mulher que, sem abdicar do seu pudor e sem serapintar o rosto ganha independencia pelo trabalho do que aquela que numa fingida honestidade e em pleno mandreice, exige do homem já não digo direitos masculinos ou mesmo femininos—mas apenas direitos humanos. Quem não cumpre a sua missão na terra—não tem licença de viver por muito belo, e elegante, maquilhado e condescendente que seja. Dos dois modelos criados por Deus, com barro, ou osso eu fosse lá com o que fosse—o inferior é a mulher. E a sua inferioridade começa a patenear-se na superioridade fisica do seu exterior. As boas encademações raramente cobrem boas obras. E se ela não fosse inferior—ha quantos seculos não estariam niveladas a nós. «Por essa

causa! exclamavam ellas. E nesta exclamação impenam a sua midocridade. Fosse superior a nós—e seriamos nós quem gritaria agora: «Estamos neste medio de social por vossa causa, miheres, que nos tem escravizado!».

De facto, em certos paizes, elle trepam agora em vertigem, como em Inglaterra onde Mrs. Bendfield é Ministra. Mas não são ellas que se voltaram, são os homens que se desvalorisam...

Os sapateiros que tocam rabeção

ESTA de novo em dia, emoldurado pelos frisos da troça um desgraçado que dá pelo nome de João Maria Ferreira. Mas não são os seus ridiculos claudescos nem os seus vícios agonizantes que lhe vão oferecer a guloseima de entrar nesta cronica. É que elle, com as taras purulentas e os trejeitos e atitudes caricaturais simbolisa as pretensões duma forma muito acclimatada no nosso pais; a dos literatos e poetas amadores. João Maria Ferreira, exageradamente queixado, é Borbon, com um prado de barba de orelha a orelha e um vacuo central no rosto, como se tivesse recebido uma amolgadela—popularizou-se em todo o pais, á laia de «Tin das Flor.» ou de «Homem macaco», com janotismos que lhe permitem os jurros da papelada herdada. Logo ao inicio da carreira foi alucinado de «Poeta Sevilha»—consequencia duma mixórdia de prosa sua, em que ele entra e mais um cavallo seu batizado com o nome daquela cidade Andaluza. E ficou o cavallo a ser Ferreira (salve-se), que eu tambem uso legitimamente esse apelido e ele «Sevilha»...

Compõe, nas dilatadas horas vagas, um versos abortivos; e as restantes divides—entre escandalos publicos, em que frequentemente intervém a policia dos bons costumes; e a propaganda aos citados abortos liricos. Quando se funda um jornal o macaco entra com solenidade nos escritorios e disputa a categoria de assinante n.º 1. E isto serve-me de pretexto para todas as semanas ensaninar os redatores com pedidos de reclamações á sua poesia e á sua obra. Um dia publicou um livro volumoso com todos os retratos que lhe tinham oferecido e respectivas dedicatorias sincografadas ao lado de versos de manjerico. E como isto fosse pouco tem o resto salpicado de condecorações nacionais estrangeiras—Tantas quantas vezes foi preso por offensa á moral pública. Na sua vaidade de inutil pretencioso tentou uma invasão surreptoria ao Sindicato dos Jornalistas; e como não conseguiu insultar á classe dos profissionais da imprensa e lançar bases para uma associação de literatos amadores, especie de «Modestos» ou de «Simões Carneiros» das letras...

Na nossa epoca já não se toleram os «aficionados». Cada individuo tem um emetiers—e mais nada! Acabaram-se os sapateiros que tocavam rabeção e os 300 officiaes que escreviam dramalhões. E fazer poesia—jornalismo ou romance não é profissão de categoria inferior ás dos engenheiros, dos medicos ou dos advogados. Mas se João Maria Ferreira super abundam neste reino dos parvos, e até seria bom que fôrmassem classe, para nos divertirem nos intervalos dos films de Charlot.

Alexandre Block

NINGUEM agora que a revolução russa, accusada de ter sido explodida numa catastrophe de «Grizus», que é como quem diz, uma revolução de baixo para cima—foi, pelo contrario uma revolução de cima para baixo». Foram os intellectuais que a operaram geneticamente os espiritos populares, stravez duma literatura que, durante 70 anos, teve, por vezes, charões de genio super-humano. A manha victoriosa do Grand Soir não satisfiz os autonomos da intelligencia revolucionaria. O seu egoismo e sua vaidade, alis legitimas não perdoadam ao povo triunfante o esquecimento do valor da obra intellectual da revolução nem os dexava compreender que era tambem legitima aquella cegueira alucinada dos escravos das Trevas irrompendo voluptuosamente na desconhecida liberdade da Luz! E por isso



Alexandre Block

todos legionarios da actividade cerebral, mesmo os mais integrados no espirito da nova Era—passaram para a contra-revolução no dia seguinte a revolução «Nós não queremos colaborar com os bolchevistas». Zenside Hippus, o autor do «Canto Sem Palavras»—anarquista convicto—gritava em 1918: «O triunfo dessa gentilha sem pilotagem intellectual é o fim do Homem». Andreif, o celebre romancista do «Riso Escarlata», refugia-

do na Filandia lançara o S. O. S. ao mundo confessando quasi um erro a sua obra teorica de literato revolucionario. O mais popular e contagioso de todos eles—Maximo Gorki abandonara a Russia depois assistir ao empastelamento do seu jornal «Novia Joza» pelos marinheiros—soberanos da Revolta. Rodar-m onze anos sobre esse cataclismo de alucinação colectiva, na infecção da avariosa da Liberdade. Fora da Russia esses escritores renegados da propria revolução agruparam-se aos emigrantes da literatura conservadora e fizeram uma «obra literaria russa de exilios a unica que a Europa conhece, comenta, critica e vê evoluir, cometendo o grave erro de a considerar «a unica literatura russa moderna». A nacionalização de uma literatura, para analyse global e classificação exige ligação ao pais precisa ser á digestão mental da vida desse pais. Só pode ser considerada literatura russa moderna a dos escritores russos da Russia. Alguem pode crer no patriotismo portuguez dum Duarte Nuno que com uma percentagem enorme de sangue estrangeiro viveu sempre no estrangeiro? O resto são theorias, ficções.

Ora a verdadeira literatura russa moderna, como a sua musica, como as suas artes plasticas, como o seu cinema mereciam o maximo destaque porque com mais liberdade e independencia evoluiu neste grande seculo de 9 anos que se encerrout, de 1928 1929, no seculo XX. E quem quiser ter uma noção exacta desse novo continente intellectual que leia as obras do simbolista Alexandre Block.

«HOMENS & FACTOS DO DIA»

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFICINAS GRAFICAS DE F. MARINHO BARCELOS

«Miss... Catinga»

MAIS uma vez saboreio a oportunidade desabafar o meu desprezo por esse novo-rico, corpulento, pangudo, estúpido que é o «Anké». «Arranha-zeus», maquinas, excentricidades, grandezas de mau gosto, maravilhas de chita, elegancias a retalho, boaxers, mentiras cinematograficas sem espirito, e muito petroleo debaixo da terra a capitalisar de graça os caprichos cabotinos e as industrias fantasticas—mediana moral, mediana intellectual; e isto basta para apaixonar parvamente os palanços a quem o primeiro vigarista passa lação ordinario por ouro de lei.

Tudo se explica com a ausencia absoluta da casta intellectual, de uma elite de espirito. Os paizes mais atrasados tem um cerebro excepcional a pilota-los. Na America do Norte, com uma população densa não existem senão artefices do trabalho mental que não montam uma elite e se confundem com os mecanicos, os *tooth-thes* e com os socadores. A aristocracia dos Estados Unidos é pesada como no Porto, pelos cofres onde ameaham o produto desse bluff legalizado que é o *trust* e que tem, como Academia... a Bolsa. Existe ainda uma nobreza um pouco mais depurada do que a dos milhões: a que desce das mil primeiras familias que desembarcaram no nosso continente e á qual pertence Roosevelt. Mas tenho informaes que os titulos dessa nobreza já se mercadejam tambem como os baronatos em Portugal. Qualquer «rei dos chouricos» de Chicago, a troco de um punhado de dolares se alista nas fileiras inter-seculares dos «grandes americanos.»

Onde principalmente America do Norte arrota a falta de uma elite educadora e espirital é no odio contra os negros. Aqui, entre nós, todos os europeus sentem, com uma ponta de mal estar, o contacto dos industrias dessa raça comprovadamente inferior (sobretudo por culpa do egoismo dos dominadores) Mas temos a

educação espirital e moral suficientes para reagir contra essa crueldade dominando o instinto e não lhes negando justiça. Em Portugal, em Espanha, em Italia, na Alemanha e sobretudo na França, os negros que tem direito ao triunfo—trunfam. Ninguem os apouca ou lhes furta a victoria ou os desnevela da sua categoria humana. A propria Inglaterra, que é a America do Norte da Europa, que despreza sem di-



«Miss Chicago» a vencedora do concurso de belezas... «negras»

reito os africanos, como os mulatos desprezam os negros (eles, os inglezes que são os pretos louros dos brancos) está longe de proceder como os americanos, porque é europeia, porque possui uma pequena elite intellectual e moral. Nos Estados Unidos foram linchados, em 1927 (estatística trazida por Paul Maur nd) 8000 negros; e na sua grande maioria, os assassinos só foram encomodados pela policia na exigencia de uma multa de... 10 dolares. Em Florida, mata-se um preto, á luz do dia, em plena rua, nas barbas dos *police-men* como na Europa se toma um taxi ou se bebe uma cerveja.

O «Detective» de Junho publicava 8 fotografias em que scenas deste barbarismo branco eram surpreendidas sem possível contradicção! O escritor dinamarquez Dawesk conta no seu livro de recordações da America «Les Sioux blondes» o seguinte episodio á que assistiu. Num «rancho» onde ele estava hospedado o cozinheiro, que era preto, foi apanhado por um «cow-boy» a praticar uma inovação culinaria pouco propria para contar aqui. O «Cow-boy» espancou-o e deitou-se sismando naquelle porcaria. A meio da noite Dawesk que era seu vizinho de cama acordou e não o viu.

E quando elle entrou no quarto acordou todos os companheiros para lhes comunicar que depositara duas balas no craneo do negro. Um dos companheiros, espreguiçou-se e comentou: «E's maluco! O caso não era para tanto!» Voltou-se e adormeceu tranquilamente...

No concurso de belezas de Galverston não foram admitidas as formosuras cor de ébano. E os negros americanos que, sob a protecção de Moscow começam a reagir, resolveram organizar tambem o desfile das suas venuz. Entronizou-se na victoria entre 58 beldades tisnadas de vários Estados — a Miss Chicago. Tem 18 anos, estuda medicina e o seu corpo parece ideado por um escultor helenco. Grandes olhos onde ha alma em cada iris; boca delicada e dentes espelhantes. Leo Crawin, escritor inglez que vive na America lançou um livro a seu respeito; e nele se descobriu que a bela negra, que orgulhosa devia estar com a consciencia dos seus encantos, com o premio de espirito com que a Sorte a dotou e com o triunfo publico da sua beleza sobre uma amarga desdita: «ma um branco americano, que ella, bela como é, não conseguiu seduzir.

ROGAMOS aos nossos agentes e ao público em geral que nos tem solicitado o nosso primeiro número — esgotado vertiginosamente em duas edições sucessivas — que precisem a totalidade dos seus pedidos para nos podermos guiar na 3.ª edição que preparamos.

O Professor de Mac Donald

DIZIA Napoleão (e se não foi Napoleão seria Primo de Rivera; e se não foi um nem outro teria sido eu) que as anedoctas atribuídas aos indivíduos salientados pelo Destino tem sempre um documento ilucidativo sobre essas individualidades, quando são autênticas; ou sobre o apreço crítico do público, quando são apócrifas. Por esse motivo ou apenas porque



Mac Donald—chefe dos trabalhistas e presidente do novo ministério inglês

me divertem há muito tempo que coleciono aneddotas deste género e as arquivo, catalogadas e prontas à primeira chamada... Acabo de obter mais uma para a minha coleção. E oportuna—visto que caricaturiza o chefe do Partido Trabalhista inglês e «premier» do novo Governo: Mac Donald.

Mac Donald, o «Lenine-Mangas d'Alpaca», como já o apodaram. Não dispunha daquela inspiração genial dos renovadores sociais; nem a sua cultura; nem mesmo aquele desequilíbrio bohemio que é *ex-libris* dos incendiários das massas. Aburguezado, inteligente sem labaredas, vulgarmente lido, um pouco especializado em questões económicas—todo o segredo do seu triunfo está na adaptação às realizações e lutas políticas da técnica e do método de guarda-livros—*metier* que exerceu durante muitos anos. Os seus discursos têm algo de «Lançamentos em Caixa»; de «Deve e Haver», de «Sem outro assunto, somos de V. S.^a att.^o Ven. e Obrg.»... Os seus decretos pareciam feitos em belo cursivo, usando para os escrever de tinta azul e tinta vermelha.

Quando subiu ao poder pela primeira vez—em 1925—a sua maior preocupação não era apenas resolver com habilidade os problemas políticos: era embainhar-se, sem *gaffes*, nem ridículos no papel de primeiro ministro; vestir segundo o protocolo; conhecer as formulas de tratar com Suas Magestades, de lidar com os diplomatas; de conviver nas recepções da corte... Os jornais conservadores, para não perderem a oportunidade de troçar do ex-guarda-livros—começaram a bisbilhotá-lo e a insinuar que Mac Donald recebia, a horas mortas, a visita de um extranho e embalcado cavalheiro e com ele se fechava no seu gabinete tempos infinitos, depois de despedir os secretários e todos os extranhos. Durante muito tempo se falou a respeito deste misterioso amigo do ministro trabalhista—mas só agora, ao subir de novo ao poder, se decifrou a incognita: trata-se de John Constant, um veterano actor de *tourneés* pela provincia e antigo conhecido de Mac Donald de quando este, para aumentar a receita, copiava peças para o teatro. Qual a missão do mediocre artista junto do chefe de governo? A de professor de modos, costumes, elegancias, atitudes, tratos, vénias de que ele, interprete dos dramalhães desenrolados em cortes fantasticas ensina a Mac Donald... a dez libras por mez...

O trafico de brancas

Nas amplas gares de Londres sirandam, confundidas na multidão premente que se movimenta num constante torvelinho, misteriosas, enigmaticas mulheres que trajam de negro. Essas roupagens, que exteriorisam, por habito, o expressivo sentimento de alguma dor ou infortunio, tem nessas mulheres, segundo o «Detetive», o cunho estigmatizante duma alma perversa que contrata brancas como quem faz negocio de cambiais ou comercio de fazendas e utensilios de ferragens.

Nos paizes duma liberdade máxima ou duma estreita liberdade quasi se não suspeita do trafico de brancas, apesar de Alberto Londres no seu livro interessantissimo «La Route au Buenos Aires» salientar que viajam em primeira classe dos soberbos transatlanticos, casais de nobre apparencia que levam farto carregamento humano na terceira classe, para os alcouces da Argentina e do Brazil. E assim, neste mundo de mentiras em que vivemos, se ludibriam inocentes raparigas, cinicamente arrastadas á engrenagem fatidica duma miseravel escravidão. Em Portugal abundam tambem essas damas que trajam de preto, e as suas almas mais negras que as trevas horribes dos presidios subterraneos, hão-de ser devassadas um dia numa breve reportagem de sensacionais revelações.

A princesa... curista

Montenegro formava com Andurra, S. Marino, Monaco e Luxemburgo a ranchada dos «miudos» da Europa. Luxemburgo era o «menino enfermigo» cheio de achaques e lombrigas; Monaco—o «menino estroina», que não quer estudar e passa a vida nas tavolagens; S. Marino, o socegado, «o menino bonito»; Andorra, o menino com tendencias para o ordinario e que mete o dedo no nariz; e Montenegro, o pobre Montenegro—o traquina, o valente, o que durante 50 anos correu á pedrada os garotões da vizinhança—os turecos.

O seu ultimo rei, o Rei Nikitas que nós conhecemos pessoalmente já nas amarguras do exilio em Paris, no *hall* do Hotel Meurice e cujos olhos bondosos e energicos se pravam de lagrimas ao recordar a liberdade das suas montanhas gloriosas—era o simbolo desse povo. Nas lutas quasi ininterruptas, naquele frigid continuo de guerras balticas, impetuoso bravo; na paz um serrano bonacheirão e risonho. O seu Palacio—Palacio Real de Cettigne—não tinha mais pompa e luxo do que um chalet das nossas praias.—A' frente quadriculavam-se os canteiros de jardim—apenas defendidos por umas grades muito largas. E quando ao cair da tarde o povo passava pela estrada ia-o a regar as flores—como um alferes tarimbeiro reformado. Hoje quasi que não ha montenegrinos em Montenegro. Fugiram primeiro aos austriacos por terem defendido quixotescamente os servios; depois... tiveram de escapar á tirania dos servios que numa espantosa ingratição agregaram pela violencia o Montenegro ao seu reino. O velho Nikitas morreu minado de desgostos pelos filhos. O herdeiro desceu á tumba aos 25 anos, depois de uma mocidade estoirada e orgiaca.

O outro principe—Pedro—não é melhor do que o irmão. Encolheu os hombros ante a desgraça do seu paiz e uzou-a até em

proveito proprio, abdicando ao trono... por 30.000 contos—que a Servia prometeu... mas não pagou. Segundo as ultimas noticias o principe Pedro recebe 15 contos mensais—que não lhe chegam, coitado, para ir visitar a familia da esposa a Inglaterra. E' que o principe Pedro casou em 1925 com uma corista inglesa, Helena Krotz



A princess Helen Krotz ex-curista

—filha dum *policeman* de Londres... Se amanhã o povo montenegrino reconquistasse a patria—a sua rainha podia distrair os seus subditos... cantando-lhes os numeros das revistas onde entrou. E o que dirá de tudo isto a rainha Helena da Italia, irmã do principe e de rei Victor Manuel—cunhada da antiga corista?

A confissão do estripador

QUEM não sofreu, pelo menos, um pesadelo histriônico por «Jack, o Estripador»? E esse heroi sangrento data já de 1888. Em Londres durante tres mezes—de Agosto a Novembro, vinte e cinco mulheres classificadas nas mais opostas classes sociais, apareceram mortas estripadas com um objectivo cirurgico que fazia logo prever uma especie de sensualidade doentia e louca.

Sobre os cadaveres ficaram alinhettados uns bilhetes do assassino. «Jack». E daí apodaram de «Jack Estripador» o misterioso carneiro. Os medicos que realizaram as autopsias garantiram, pela mestria do golpe, que o crime só podia ser cometido por um colega. Rabiou um verdadeiro panico na capital inglesa. As mulheres só saiam á rua bem patrulhadas com homens decididos. Os policiaes Scotland Yard agatanharam-se sem saber por que ponta pegar naquelle novelo. A ultima façanha do famoso Jack foi cometida em 25 de Novembro de 1888. A partir dessa data o seu habil bisturi não tornou a desventrar mulher alguma. Sumiu-se como que por encanto—sem que nunca se podesse averiguar a sua personalidade. Ha poucas semanas um reporter inglês deu um vomitorio a um compatriota chamado Matters, cofre forte do celeberrimo segredo. Matters que viveu muitos anos em Buenos Ayres intimidado até ao amago com um Dr. Stanley, medico emigrado e de rasovel clientela entre a colonia britanica na capital da Argentina. A' hora da morte Dr. Stanley confessou ao seu amigo Matters que era ele o tão propagandeado «Jack Estripador». Amava com lucura uma costureira modesta; enroupara-a com descencia; ensina-la a ler e a ter modos na sociedade a onde a ergueu; a ela se dedicava como a uma obra prima; dera-lhe o nome e ficara-a mãe dos seus filhos;—e ela, satisfeita as vaidades, ultrajara-o até enlouquecer-lo. Dal a crise aguda de loucura que o levava a pretender vingar-se em todas as mulheres do que uma lhe fizera rasgando-lhe o ventre na raiva e na obsessão dum garoto que chicoteia o moavel que lhe maguou o joelho.

Agora respiremos um pouco sobre a tragedia—para melhor engulmirmos a sobrezeza da força que se segue. Calculem os senhores o alegrão do amigo do Dr. Stanley o sr. Matters no momento de escutar esta tenebrosa confissão—por não ser mulher. E' que o sr. Matters fôza operado no ventre pelo proprio Dr. Stanley, em Londres e no preciso periodo da sua alucinação de estripador... Se pertencesse ao pseudo sexo fragil—não teria tido vida para escutar este sensacional revelação...

Reporter

"HOMENS & FACTOS DO DIA,"

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA MILITAR DE VIANA DO CASTELO

O Exitto, para alem de todas as perspectivas, obtido por este jornal

COMO não somos vendedores de pastilhas nem negociamos com libras de louça—não nos a pouca a confissão de que os actuais e modestos recursos graficos que dispomos não nos permitiram, apesar do sacrificio dos nossos colaboradores proletarios alcançar o nivel do interesse do publico. Em plena «ultima hora» e impelidos pelos pedidos que nos desflechavam de toda a parte, triplicamos a tiragem calculada inicialmente. O assalto (sem ofensa...) que o publico fez aos vendedores, tanto em Lisboa, como no Porto e Provincia esvaziou por completo a primeira edição a meio da tarde do domingo. De domingo para segunda, exigimos(?) um *tour de force* aos nossos operarios que tiraram segunda edição—que esgotada foi tambem e na mesma furia, na segunda e terça feira pela manhã. Para podermos preparar o nosso segundo numero fomos obrigados a adiar a terceira edição do primeiro—numero para qual continuaremos a receber as encomendas para conveniencia das officinas. E' quasi caso para pedirmos aos leitores que não nos leiam tanto; que tenham piedade de nós e que se lembrem que este jornal foi organiado e lançado em duas semanas e sem... capitalistas.

* * *

Seria uma razoavel reportagem a que se fizesse em redor dos incidentes provocados pelo exitto deste jornal... Palermo de certos «Eminencias grises» pagas á vista a metro de bengala por camaradas leais e intransigentes ante qualquer calunia; mas com explorado efeito para quem as recebeu; alucinação de colera dalguem que chegou a disparate de pedir a prisão do director deste jornal e que teve de escutar um mas porquê? «galhofeiro da policia; alta de preços na cotação das gazetas; o silencio ferreo e prudente de certas gazetas; a noticia amavel e merecedora de de registo e de gratidão de o *Jornal de Noticias*; «O Comercio do Porto»; «O Século»; «Diario de Noticias» e transcrições e admiraveis comentarios de «O Povo».—caixa de fosforos donde saiu o fogo para este incendio; e ainda uma patetice publicada, com extranheza de todos, e uma fricção de mãos de certo banheiro, em *A Montanha*. Aprendemos com o grande jornalista—o sr. Jorge d'Abreu—o seguinte principio: «Eu só respondo aos jornais que tenham tiragem superior ao meu.» Ora como do nosso se venderam já 12.00 exemplares e *A Monta-*

nha tira 50, que são tantas as pessoas de milia dos que a visitam e o fazem de «borla»—não lhe respondemos.

A todos e até à *Montanha*—por que não?—O nosso reconhecimento.

«O Janeiro»

QUANDO o nosso jornal já a entrar na maquina, chegou-nos ás mãos o «*Janeiro*» que publicava a carta dirigida pelo Ex.^{mo} Snr. Jorge de Abreu ao nosso director. A carta em questão não «aqueita nem arrefece»... Não a publicamos no primeiro numero em virtude da falta de espaço. Comentou-a, porem, o nosso director de modo que de maneira nenhuma a deturpava, ilucidando antecedentes. Poeira aos olhos dos que leem? Se foi esse o objectivo de quem ordenou a sua publicação não lhe invejamos os recursos intellectuais. Ha uma afirmação no «*Janeiro*» que supomos ser menos verdadeira. Quando diz que a *epistola* do sr. Jorge de Abreu não obteve qualquer resposta. A carta foi para o correio dirigida ás caldas das Taipas, onde então se encontrava o illustre Director de o «*Janeiro*», e deitada por um amigo pessoal do sr. Jorge de Abreu.

E, de resto, que importancia tem, no caso discutido, a resposta que o sr. Jorge de Abreu declara não haver recebido? Vem, acaso, inutilisar alguma das graves revelações do nosso director?

Trata-se simplesmente de uma atávica tendencia dos dónos do «*Janeiro*» para habilidades saloias no sentido de *epatér le bourgeois*.

CASINO POVOENSE

NUM passeio á Povoá, estava naturalmente indicada uma visita ao casino Povoense.

A' gentileza do nosso estimado amigo sr. Joaquim Correia Leal Bessa, que, coadjuvado pelo tambem nosso amigo, e activo poveiro sr. José da Costa, intellegendamente dirige o Casino, devêmos algumas horas encantadoras de amavel palestra cujo assunto, como não podia deixar de ser, gravitava em redor dos interesses da Povoá.

Chegou a vez ao Casino, e o entusiasmo, o calor com que desta altura em diante o nosso interlocutor animava a palestra, evidencia, claramente, a intelligencia e o carinho com que se apaixonou por um dos problemas de capital impor-

tancia, para uma praia que, como a Povoá, consegue, e justamente, receber todos os anos um contingente de banhistas que a coloca no primeiro plano das praias de Portugal.

A's belezas naturais de uma praia como a nossa, afirma-nos o sr. Correia Leal, é indispensavel acrescentar todo o conforto, tudo quanto a civilização criou para que os que vem aqui possam encontrar um tónico para o espirito combalido por um ano de labuta.

O contrario seria proporcionar-lhes umaneurastenia e por conseguinte, afastá-los daqui.

E como o sr. Correia Leal, não é pessoa que limite a sua acção simplesmente a idealizar projectos cõr de rosa, demonstrou-nos as suas faculdades realizadoras, levando-nos a uma visita ao Casino Povoense.

Verificamos, então, que ao seu esforço correspondia uma obra interessantissima.

O Casino é, na realidade, um estabelecimento de diversões de que a Povoá se pode orgulhar.

Predomina uma nota de requintado bom gosto e modernismo.

Todos os atractivos que justificam a sua larga concorrência.

A orquestra Fabres, que, no Porto, conta o numero dos seus admiradores, pelos aficionados de boa musica, faz-se ouvir todas as noites no Casino, e em matinées no Café Universal onde uma graciosa bailarina de nacionalidade espanhola, anima o ambiente...

Dirigimo-nos para o Casino ás 10 horas e quando, resolvidos a não alterar os nossos habitos, nos despediamos do amavel cicerone na doce ilusão de que seria meia noite, êle, consultando o relógio, esclarece-nos com um sorriso: 4 horas da manhã...

NA PAPELARIA, ENCADERNAÇÃO E TIPOGRAFIA F. MARINHO EXCUTAM-SE COM A MAXIMA PERFEIÇÃO E A PREÇOS MODICOS TODOS OS TRABALHOS GRAFICOS

Armazem de Merceria
Por junto e a retalho

João Gonçalves Galante

PRAÇA DA REPUBLICA
Povoa de Varzim

Fazendas papelaria tabacos bijou-
terias artigos com vistas da Póvoa

Frasco & Comp.^a

PRAÇA DA REPUBLICA
POVOA DE VARZIM

Manoel Ferreira Correia S.^o

Depositario das Lampadas

PHILIPS

PRAÇA DA REPUBLICA
Povoa de Varzim

Barbearia Sousa Basto

Passoio do Café Chinez

Povoa de Varzim

ESPECIALIDADE EM CORTE
DE CABELOS A SENHORAS

PADARIA CADECO

PÃO FINO E DE LUXO
Farinhas e Pão Relado
Antonio L. P. Cadeco

85--R. 5 de Outubro--85

Povoa de Varzim

Merceria Bandeirinha
— DE —

Antonio Francisco Dourado
& Irma

Avenida Mousinho, 92

Sortido completo em todos
os artigos de merceria—
Especialidade em vinhos
verdes de Amares

Povoa de Varzim

Póvoa de Varzim

Grande pelo mar que a beija, agitando-se com um balouço num constante vai-vem, a linda praia da Povoa pletoresa de legitimo orgulho os seus dedicados habitantes. Em anhelantes aspirações, afirmadas dia-a-dia, num progresso moderno, captivante e acolhedor, não goza, ainda essa terra—dinamisado pelo mais arduo, intrépido e lendario trabalho de poesia maritima em que a lucta gigantista, ciclopica, se trava com a inclemencia dos elementos—do titulo de cidade na classificação administrativa do paiz. E' certo; mas que importa isso, se os nossos corações, a nossa inteligencia e a nossa alma; se a nossa enorme simpatia pelo seu povo, pelos seus valentes «homens do mar» pelos seus constantes gestos de aformoseamento, ha muito a elevou a essa categoria—alias justissima?

Sim, que importa? As localidades, como os homens, valem por aquilo que são intrinsicamente. Nos dias de hoje em que se vive de realidades positivas só marcam as afirmações sadias que denotam vitalidade e energia, embora mesmo quando não sejam acompanhadas dum rutilante quadro de doirada e atractiva moldura. Felizmente a linda e formosissima Povoa até isso possui: a franja branca do mar, perola alvissima da alma poveira; o panorama verdejante dos seus campos, amplos e arminosos como a carpeta dum boudoir de jóia alcatija; a sua industria fortolissima; a sua vida, enfim, contente, prova, prolifera, dum afan que captiva, domina e obriga a um intimo afecto da mais amigã simpatia. A' Povoa, pois, as nossas homenagens d'hoje num desejo ardente dos seus mais largos progressos.

“A POVEIRA,”

Fábrica de Tecidos de Algodão

Recebem-se encomendas
de exclusivos

POVOA DE VARZIM

DEPOSITO DA TABAQUEIRA

Rua da Cidade do Porto
(ANEXO À CASA FRASCO & COMPANHIA)

Linhares, Frasco & C.^o

Descontos máximos aos revendedores

POVOA de VARZIM

CASA CONFIANÇA
— DE —

JOAQUIM MARTINS DA COSTA & FILHO

Fazendas de lã, seda e algodão
Nacionais e Estrangeiras
Confecções, Malhas e Perfumarias

Agentes de companhias de seguros e casas bancarias

ESPECIALIDADE EM CASIMIRAS PARA FATOS DE HOMEM E LÃS PARA VESTIDOS DE SENHORA

Chá de superior qualidade
Coroas, bouquets, e armações pretas para funerais
Praça da República
Povoa de Varzim

CAFÉ RIBEIRO

Libania Augusta Cardoso Santos

Largo do Passeio Alegre
POVOA DE VARZIM
(CASA FUNDADA EM 1896)

FRANCISCO TROCADO
FERRA

Estabelecimento de fazendas de lã, seda, algodão, miudezas, gravataria, malhas e perfumarias

ESPECIALIDADE EM CAZIMIRAS PARA FATOS DE HOMEM E LÃS PARA VESTIDOS DE SENHORA

Agente bancario e correspondente de Companhias de Seguros

Povoa de Varzim

AO PRETINHO

Merceria, chá e café
— DE —

José Joaquim da Silva
Rua 5 de Outubro, 74
Povoa de Varzim

CONSTRUTORA POVDENSE

Serração, carpintaria, marcenaria, serralharia e moagem

Rua Almirante Reis
POVOA DE VARZIM

A REPORTAGEM DO DIA

NOS BASTIDORES DA MAIS INFAME INDUSTRIA

O «caso» daquela «casa» da Calçada da Estrela — Os misterios do afamado «atelier» — A extranha figura do sr. A. de S. — Nos bastidores da fábrica clandestina.

A noticia que esta reportagem incarna foi marconizada aramim por um informador de Lisboa—informador voluntario e precioso a quem devo já não poucas revelações sensacionais. Foiheel toda a imprensa farejando a chancela linotipada dessa noticia; mas embora nada topasse, de palpebras caldas crelo na sua veracidades e na de toda a constelação de pormenores que a acompanham. E sobrepondo ás informações recebidas a lembrança do que vira e escutara ha tempos sobre o mesmo putrefacto assunto—não se tornou difficil medir pela categoria de certas personagens desse rôles elenco a espe sura dos abafadores que silenciaram o escandalo. Influencias e das mais fortes deviam ter embuchado as cornetas da publicidade. Isso não impede que ficasse publica pelo menos, desamordaçada... E é pena—porque, do contrario, os cavalheiros gozariam pelo menos a impunidad da opinião publica que agora v i salivar-lhes em pleno rosto o seu desprezo, se a opinião publica conseguir ainda segregação para cuspir em alguém...

Onde e como entra a policia

Na quarta-feira, 30 de Julho, ao cair da tarde, desembocou numa das ruas, silenciosas e quasi desertas, transversais á calçada da Estrela um grupo de individuos que, de cabeça no ar, se poz a seguir a numeração dos portais com menos mal arranjado disfarce. Não teriam chamas do a atenção bisbilhoteira das poucas damas que costuravam á janela á espera dos maridos—se no passeio oposto não surgissem tres ou quatro guardas fardados, trocando com os que trajavam de civil olhadelas de entendimento maçônico. Espalhavam-se pelas ruas em pequenos magotes, affectando um encontro casual—emquanto um dos pisanas que se distanciara, se dirgia rapido e decidido, a um predio de regular apparencia e só de um andar—o que é raro em Lisboa se «retudo» naquele bairro. Premiu uma, duas vezes, o botão da campainha sem resultado; á terceira abriu-se uma nesga da janela do rez-do-chão e espreitou um sujeito de rosto afocinhado. A vizinhança já um pouco alarmada ia debruçando-se na previsão de uma surpreza—mas não lhe foi possivel aperceber-se das palavras trocadas entre o inquilino e o suspeito visitante. Não foi muito longo o dialogo. A janela fechou-se e segundos depois abriu-se a porta.

Não aproveitou logo o ensejo para entrar, a extranha visita... Enclavinhou os dedos no facho e circumvagou a vista pela ru... Imediatamente todos os seus companheiros os á paisana e os uniformizados, vieram ter com ele, em largas passadas e com ele, precipitadamente, levaram a casa. Só um guarda se petrificou no passeio, frente á porta e enrolando um cigarro «Superior»...

Povoaram-se logo as sacadas; o mercieiro da esquerda vem com os marcanos,

cheirar aquele misterio... O rapazio da rua foi-se aproximando, papalvamente e a médio, do policia que o sacudia como quem enxota moscas... E no falatorio de visinha para visinha teciam-se hipoteses, engendravam-se fantasias folhetinescas... Que a gente daquela casa, viera para ali ha poucos mezes, não inspirara nunca grande confiança no sitio, era verdade! Que ha muito se murmurava—tambem não era mentral Mas que fosse cousa a sua existencia enigmatica para merecer assim, um assalto policial em forma—é que ellas não tinham previsto...

No predio viviam apenas tres sujeitos: um já entradote, calvo e de feições siamezas e dois mocinhos. Vestiam-se com exagerada toleima e os seus ademanos; o quebrar dos rins, quando saiam, tornavam-nos suspeitos á malicia dos vizinhos. Mas logo pela manhã era um nunca acabar de visitas, homens e mulheres, de exteriores mais nitidamente suspeitos ainda, caras pintadas e bem arranjadas umas, escaveiradas e pobres de fatos, outras, modestos alguns, menos mal trajados outros ainda... Chegavam, entravam e lá ficavam quasi todo o dia. E para agravar aqueles presentimentos de «grossa pouca-vergonha»—havia o silencio que blindava os ansiosos que tinham ido escutar á porta; havia as janelas de «store» caidos e portas de dentro fechadas... A saída amudada de embrulhos dera á vizinhança, nos primeiros tempos, impressão que se tardava de um «atelier»... Mas pouco tempo resistiu ao raciocinio dos bisbilhoteiros essa hipotesis benevola. «Atelier de qué? Nem os nem as frequentadoras aparentavam de operarios ou costureiras muito antes pelo contrario—

... Anotecera quando os policias saíram. Traziam o ar pimpão de caçadores afortunados. Ensandwichavam dez ou doze pessoas de ambos os sexos, quasi todos visitantes habituais do suposto «ate-



Nos bastidores do misterioso «atelier»...

lier». Vinham algo esgueldelhados, acsbrulhados, evidentemente pouco optimistas sobre o seu destino. Palidez; cabeças tombadas, para o peito, olheiras... O silencio quasi funebre do cortejo era apenas cortado pelo berreiro do dono da casa que barafustava, solitando frequentes vezes a palavra «violencia»; e pela lamuria dum das pequenas—a quem um dos guardas consolou com um: «Ponco banzé!» proferido num tom nada macio.

As vizinhanças debruçaram-se mais ainda das janelas para seguirem a sacrilega procissão até ao angulo da calçada da Estrela. E quando ela desapareceu exclamaram á uma: Eu não dizia que se passava «grossa pouca-vergonha» naquela casa?

Era verdade! Tinham acertado! As profecias confirmavam-se. Mas o que ellas e os senhores estão longe de visionar é o genero dessa pouca vergonha...

Entra em scena o sr. A. de S.

O film que acaba de projectar foi mi-scencenado, como já disse, na 4ª feira 30 de Julho e em Lisboa, ou seja a bom par de leguas de distancia. Reconstitui-lo servindo-me do material que o meu Marconi-informativo, espectador de todo o episodio, me forneceu. Estou convencido que, mesmo sem ter testemunhado nenhuma das peripetias, as evoquei com fidelidade e pureza...

Conscuvilhou-se durante 48 horas, na vizinhança obre o assunto—mas ele não teve nenhum reflexo na cidade. A imprensa não deu conta do caso; ignora se as prisões foram má tidas—e era certo ir parar tudo para a vala comum do Esquecimento não só sem que o publico fosse informado deste *fait-divers* como tambem sem que a verdade, a verdade occulta, a verdadeira verdade fosse guindada das profundezas do poço onde habita para a trazerem para a ribalta «onde elas se fazem e onde elas se pagam». Eu proprio não teria desvendado este monstro se o meu vigilante correspondente tivesse medido o incidente pela vulgaridade da apparencia. Mas quiz o acaso que ele conhecesse o segredo dos bastidores daquele «atelier» e se tivesse vendado que eu tambem não os ignorava...

Ha cousa de tres ou quatro anos encontrando-me em Lisboa apeteceu-me, á hora da digestão romantica dum luculiano jantar, meter-me num taxi e divagar pelo bairro onde passei a minha meninice e onde conheci as emoções do primeiro idilio amoroso... Acompanhava-me o meu actual correspondente—e ao sirandarmos por uma rua irradiada do tertuo da Avenida Almirante Reis—prescutei, distraidamente curioso, uma ranchada de reparigas que saia dum predio baixo, só de um andar...; faces magras grosseiramente maquilhadas, trajos berrantes e profissão pouco difficil de advinhar, embora as suas expressões fossem de tristeza e de amargura. Extranhei... Aquêl bairro era pacato e só

habitado por honestos braguezes. E a minha estranha deu pretexto a uma revelação do meu companheiro:

—Desgraçadas... Devem pertencer ao pessoal do A. de S.

—E quem é A. de S.?

—E' o dono dessa casa... Tu deves conhecê-lo...

E desenvolvendo a memória—confessei que, realmente conhecia o sr. A. de S. mas só de vista e de tradição. Nunca lhe falara.

O sr. A. de S. é o prototipo do patife. Não só é tolerado como bem acolhido em todas as esferas sociais. Plebeu da casta pária, envernizou-se, encostou-se, infiltrando-se em todas as tertulias de café, invadindo os palcos, os camarins, as redações, as salas—inventando como nobre ascendência uma aldrabica irrisoria mas em que todos acreditam; alardeando-se de conservador endinheirado, vivendo regaladamente sem que ninguém saiba ao certo qual é officio do teto por onde lhe caem as notas. Bem trajante, maduroza já, comido de vícios inconfessáveis e repugnantes—tem sempre quem o defenda, quem o desculpe, quem o proteja. O sr. A. de S. é um destes indivíduos que inspiram, espontaneamente, a todas as pessoas de bem—refiro-me ás autenticas, um asco intuitivo, o pressentimento de todo um rozario de infâmias.

—Vive aqui? Indaguei.

—Vive... E mal advinhas tu como vive e de que vive...

Fora um acaso que transportara o meu amigo ao covil das suas proezas—um erro de endereço que o fizera bater á porta do sr. A. de S.; por sua vez o sr. A. de S. confundindo-o com alguém que estava sguardando, escancarára-lhe o seu segredo...

—Não me dei por achado, como é meu costume nestas cousas—expliquei o meu informador.—Procurei até, contendo o estomago que cabriolava cá dentro, inspirar-lhe toda a confiança.

E como eu, já impaciente, insistisse pela revelação completa das intimidades do sr. A. de S.—disse-me:

—Resfria um pouco a tua curiosidade até amanhã... E' preferível que tu proprio vejas com os teus olhos... Não te custará, seguramente, representares uma pequena comedia... Apresentar-te-hei como um possivel cliente do seu artigo... E caso a tua fisionomia lhe recorde os retratos teus que ele tenha visto nas gazetas—dir-lhe-hemos prudentemente que és irmão de ti proprio e que, até por sinal, estás de relações cortadas contigo por discórdias das atitudes que tens tomado, como jornalista...

E marcamos, para a manhã seguinte, a visita á casa do sr. A. de S.

Nos bastidores do misterioso «atelier»

Não era façanha leve entrar em casa do sr. A. de S.; e pelas precauções tomadas na porta pesei logo a gravidade das proezas que se praticavam no interior. Veio atender-nos um mocinho de sobranceiras cortadas, finas e negras, como duas pluce-ladas de Nankin sobre o rosto muito branco e enfarinhado. Que não sabia se o sr. A. de S. nos poderia receber por estar muito occupado—previu-nos, polindo as unhas muito rosadas na palma da mão e examinando nos dos pés á cabeça. Em to-

do o caso que dissessemos a que pretendíamos.

Falou por mim o meu amigo. Que eu era um cliente de Africa e que estando agora no continente queria fazer uma grande encomenda:

—Alem disso o sr. A. de S. já me conhece. Não se lembrará do meu nome—mas conhece-me. Já cá estive uma vez...

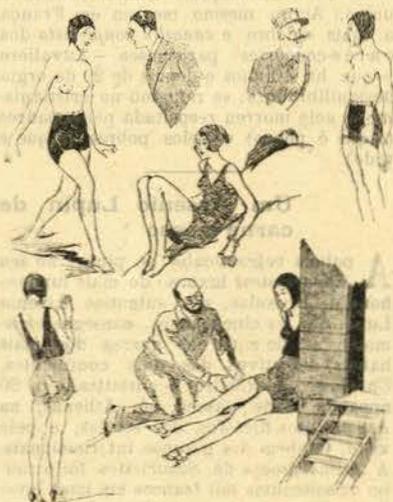
O jovem esterlicou a cintura como uma mulher espartilhada; soltou um «hom; vamos a ver» e fechando-nos a porta obrigou-nos a esperar no passelo o seu regresso. Demorou-nos trez minutos—e veio mais risinho. Que tivéssemos a bondade de entrar—que o sr. A. de S. já nos atendia...

Conduziu-nos a uma saleta mobilada com bastante mau gosto. A um canto havia uma meza coberta de papeladas, caixas de chapas fotograficas e agendas comerciais. Pelas paredes oleografias e cromos evocando orgias e bacanaes celebres de varias epochas. Nenhum valor como arte e grosseiro até ao bandalhismo na perversidade realista dos detalhes. Só a decoração daquelas paredes equivalia a um diagnostico moral do dono da casa.

Ficamos sosinhos. Por detraz de um reposteiro orquestravam-se muitas vozes, a maioria femininas... Linguagem em calão; e do calão ressoavam as frases mais livres... Um vozeirão de comando erguia-se de tempos a tempos, intempestivo, dando ordens extravagantes, incompreensíveis, seguidas de blasfemias e insultos e estes de lamentações... Apercebia-se vagamente que se representava na sala contigua; dir-se-ia que estavamos na vizinhança de um studio que fosse habitado por arrieiros, megévas e rosas o mais engeitadas que é possivel...

—Procura colocar-te de forma a espreitares pelas dobras do reposteiro o que se passa ali dentro, o que não será difficil—segredou-me o meu amigo.

Com a cautela necessaria acerquei-me da porta e vi; vi tudo e tudo compreendi... Era um atelier fotografico... Um operador de barba de dias a manchar de negro as faces chupadas manobrava a maquina. O sr. A. de S. elegante; em mangas de camisa—uma camisa de seda listrada de lilaz—colarinhos engomados e laço inglez, e de monoculo, (monoculo!) ensaiava o seu miseravel e pou-



«Pelas paredes cromos de mau gosto e de pior intenção...»

quissimo enroupado enleco de ambos os sexos, praguejando, teimando, ameaçando e obrigando-o ás maiores baixezas ante a objectiva.

Voltei para junto do meu amigo revoltado.

—At tens tu—confidenciou-se ele ao ouvido—o segredo das prosperidades financeiras do sr. A. de S.; o seu modo de vida; a sua profissão; a sua industria... Fotografias, postais, quadros e todos os generos de artigos pornograficos!—E até mesmo aqueles que tu, com toda as tuas experiencias de reporter internacional, radiografando todos os bastidores, todos os lodaçais, todos os chiqueiros, todos os pantanos, não acreditas que existam. E vende ás grossas para todo o paiz, para a Africa, para o Brazil... E esguichando pelas almas este puz, vai enriquecendo—á custa desses desgraçados que pela miseria descem á pior degradação que é a de se sugitarem a ser figurantes dessas pantomimas ignobeis... Paga-lhes o suficiente para que não morram de fome; e eles e sobretudo ellas, mesmos aquelas que ha muito perderam todo o pudor e todo o sentimento de dignidade sexual e humana—saem daqui, depois dum dia deste... trabalho—esquivando-se entre olhares e—com pejo de si proprios!

Calou-se o meu informador... Da sala do lado salientava-se agora á grita do sr. A. de S. e a toda a harulheira dos seus artistas—o choro de uma criança. E logo o vazeirão do «famoso industrial».

—Faz-me já calar esse petiz, Deolinda... Olha que te ponho na rua!

Deolinda... E o meu companheiro explica... Deolinda, uma pobre burlada de amor, tivera um filho; a tuberculose que não agatanhara, ainda, todos os seus encantos fisicos, fizera-a afugentar dos prostibulos... para cair nas garras do sr. A. de S. Que eu não podia calcular sequer o que era o Calvario daquela rapariga escravando o seu corpo á mais perversa e vexatoria das exhibições—para poder sustentar o filho!

A criança não se calava! O sr. A. de S. insultava a mãe.

—Vamos embora! disse eu.

E saí daquela casa como um hebreu liberto dos subterraneos da Inquisição!

Remate:

O sr. A. de S. usava de prudencia de mudar frequentemente de residencia. Instalava-se, ha mezes, naquela sua vizinha á Calçada da Estrela... Fosse denuncia ou fosse suspeita policia—o sr. A. de S. caiu, pela primeira vez, a ferros da Justiça... Um silencio grande se fez redor da sua prisão. E nem silencio—eu ouço ainda o soluçar affitivo daquela criança atirada ao monturo do «atelier» do sr. A. de S.

“Pequenos FACTOS DO DIA”

As anedoctas do Conde de Santa Maria Polaco — O marechal e o jornalista — As Madalenas modernas — O ladrão com dormideiras ou o «cocktail» misterioso — Os «Tassos» — O testamento humorístico — O navio deserto — Chinezices — O cadáver Salvador — Os principes da «Viuva Alegre».

O marechal Pilsudski e o jornalista

O marechal Pilsudski é das mais pitorescas figuras do exercito e da politica polacas. Contam-se dele desenas de anedoctas onde a sua grosseria colabora com intellecto muito economico, aureolando-o com a fama de um Conde de Santa Maria. E o mais curioso é que se lhe atribuem factos e gaffes que correm em Portugal ha mais de cincoenta anos como que pertencentes áquele Galino nosso compatriota. Quando foi a offensiva sovietica houve um jornalista polaco sem pápas na lingua que accusou, em termos claros, os verdadeiros culpados do eminente desastre. O marechal Pilsudski invadiu a redacção telintando a espadá e bufando por debaixo da bigodeira de gendarme a colera que lhe provocara o citado antigo.

—Se eu disse uma só falsidade que seja, respondeu muito sereno o jornalista, estou pronto a penitenciar-me; mas eu tenho a certeza que o sr. marechal não desmentirá nada do que eu disse porque eu só disse verdades.

—Bem sei que tudo quanto escreven é verdadeiro — concede o marechal — mas neste momento não estou disposto a consentir a publicação dessas verdades. De hoje em diante só lhe é permitido mentir; mentir da primeira à última pagina porque a isso se impõem os interesses da Pátria. Se eu tornar a ler uma só dessas verdades mando-o prender immediatamente. No dia seguinte o marechal recebeu o jornal acompanhado duma carta do jornalista. Logo na primeira pagina estampava-se o retrato do marechal encabeçado com titulos elogiosas: «O mais talentoso dos polacos, o mais genial dos estrategicos, o mais fino dos espiritos»; e na carta dizia: «Como vê marechal, campo as suas ordens; na minha gazeta só publico hoje mentiras.»

O marechal Pilsudski acaba de lançar um livro sensacional, um livro de revelações sobre a guerra russo-polaca de 1920, em que ele se atribue a si proprio e ao seu exercito maravilhas de valentia e de estrategia como segredo unico da victoria da Polonia. Como se conclue pela anedocta que acima relatamos o marechal Pilsudski cultiva intransigentemente a mentira patriótica. Como se sabe o exercito vermelho estava longe de possuir nessa época a sua organização actual. Faltavam-lhe armamento, munições, disciplina e até uniformes. O proprio calçado não chegava para todos os soldados. Eles vinham estafados das sucessivas tentativas de invasão em varias fronteiras e rismos assim levaram á sua frente, num arranco impetuoso, o exercito polaco. Foi então chamado a toda a pressa o general francês Legien que salvou a Polonia da mais estrondosa das derrotas repetindo ás portas de Varsovia a desconcertante estrategia Joffre na batalha do Marne que salvou Paris. Escusa o marechal Pilsudski implumar-se de «pai da victoria». Foi Joffre e não ele, foi o talento e não a força que á distancia de algumas centenas de quilómetros salvou a Polonia.

As «pombas» negras

Aquella *coupletista* celebre que era Paqueta Escribano vive hoje recolhida, segundo os jornais de Espanha, num convento espanhol na estreita e escura cela do esquecimento. Não queremos negar a vocação pura—nesse suicidio-crime que é o mergulho negro nos conventos—de alguns pouquissimos casos. As galanterias conventuais, de que o reinado de D. João V serviu de luminosa ribalta bem o provam, não deixam nos espiritos calmos e imparciais muitas illusões. As jovens, e algumas de beleza e de robustez física dignas de cumprir o decreto cristão do «crescei e multiplicai-vos», que abdicam de todos os prazeres honestos da vida (os do matrimonio; os da maternidade) são então tentadas, umas vezes, pela hipnose de influentes fanáticos;



Paqueta Escribano, a cupletista que se fez freira

outras pela imposição tiranica dos que as escravizam. E se depois, passados anos—ou apenas mezes—a mulher desperta e compreende o erro inutil cometido ou a fatalidade da sua submissão, revolta-se com justiça e sem offensa a Deus. E de aí o que a historia de todos os seculos conta.

Em compensação aquellas mulheres que o Destino fez sirandam pelo *carrousel* da Vida-viva; da Vida-sobresaltada, mundana e aventureira e que um dia resolveram quebrar o istmo do passado, por fastio, por desgano ou por neurastenia essas sim, são duradouramente sinceras e coerentes com a resolução do seu exilio.

O caso de Paqueta Escribano não é unico. Agora mesmo morreu em França a mais celebre e *canaille coupletista* dos cafés-concertos parisienses — Lavalieri — que ha 10 anos e depois de 20 de orgia desequilibradora, se refugiou no cristianismo e nele morreu respeitada pelos padres (o que é pouco) e pelos pobres (o que é tudo).

Um Arsenio Lupin de carne e osso

A policia belga acaba de pinçar no seu *appartement* luxuoso do mais luxuoso hotel de Bruxelas, um autentico Arsenio Lupin que ha cinco anos, consegue escamotear-se de entre as garras dos mais habéis detectives dos dois continentes. Chama-se Alexandre Scourlettes, tem 30 anos de idade nasceu, em Athenas, na Athenas dos filosofos, dos estelas, e pelo visto, tambem dos gatunos internacionais. A ultima proeza de Scourlettes foi o roubo de seiscentos mil francos em joias levado a efeito com toda a limpeza e arte, graças a um simples *cocktail* por ele pro-

prio preparado e oferecido á victima, M.^{me} Casanova. Não tem conta as façanhas que este glorioso Rafles especializado em narcóticos praticou em todas as capitais da Europa.

Em Berlim fez-se passar por Paul Amestrong, o celebre escritor norte-americano que está sendo traduzido em alemão; e como tal recebeu estrondosas demonstrações de simpatia de todos os homens de letras da Alemanha. Em Haia era coronel do exercito turco levando e descarando a andar fardado pela cidade. O seu objectivo e todo o segredo da sua tecnica consiste em travar relações com uma senhora do boa sociedade e bem apetrechada de joelherias. Conseguido isto gaba o seu proprio talento de *cocktailista amador*; desperta a guloseima e é convidado a exhibir as suas habilidades numa visita intima. Já se vê que o *cocktail* leva *Cointreau*, *Amer-Picon* e uma dose razoavel de opio ou de morfina. A gulosa dama bebe-o deliciada e poucos minutos depois adormece n'um sono pesado que lhe fecha a consciencia á chave. Então o cavalheiro com toda a paz e garantia de impunidade atafalha os bolsos com os aneis, os colares e os brinco da victima.

A policia calcula em oito milhões de francos a totalisação dos seus roubos. Mas o mais curioso, para nós portuguezes é o titulo pela imprensa francesa ao acontecimento: Chama-lhe um «Tasso».

«Tassos» são, em linguagem policial francesa os ladrões que roubam por meio do narcotico. E a origem do termo vem do iniciador deste sistema de roubar que era portuguez. Chamava-se Lino Tasso e foi, durante muitos anos, creado da nossa legação em Paris. Em 1852 cometa ele a primeira façanha. A policia desconfiou, mas os nossos diplomatas tinham tal confiança na sua honestidade que o defenderam ferozmente. Entrincheirado nessa defesa Lino Tasso repetiu as suas proezas durante muito tempo até que cometeu a imprudencia de se deixar tentar pelas joias de Mlle Remy, bailarina da Opera e amante d'um secretario da legação a quem ele servia de alcoviteiro. Desta vez foi preso, condenado e a policia começou a chamar aos seus discipulos os «Tassos».

Eis aqui um portuguez que deixou nome no estrangeiro.

As setes solteironas de Londres

É o «Daily Mirror» quem o diz: — e o «Daily Mirror» não costuma mentir, morreu ha coisa de 10 dias, no seu palácio de Richmond, o riquissimo «lord» Misogyne. Mas a notabilidade do falecido «lord» não vinha, apenas do quantioso deposito á sua ordem no «Banco de Inglaterra»; vinha sobretudo, da sua madureza e das suas excentricidades dignas dum personagem de Wells ou de Mark Twain. Vivia acompanhado por um creado e o seu odio por todos os séres do sexo feminino era tão vio-

lento que jamais deixara que qualquer mulher pisasse os tapetes do seu palácio.

O velho patusco, preparara uma surpresa: o seu testamento. Quando este foi aberto leu-se que ele deixava a sua imensa fortuna dividida em oito partes iguais: uma destinada ao seu creado; e as outras sete a sete velhas solteironas cujos nomes indicava, dizendo:

«Foi graças a essas sete solteironas que julguei anar na mocidade e que me recusaram a mão, que eu consegui passar uma vida absolutamente feliz, despreocupada, pacífica e honrosa. Se qualquer delas me tivesse aceitado como marido o meu paraíso teria sido transformado em inferno como sucedeu a todos os rapazes do meu tempo que, por fatalidade, conseguiram esposa. Eis o motivo de gratidão que me leva a contemplar, com a minha fortuna essas sete senhoras que ha quarenta anos me correram cruelmente.»

A Turquia... a tanto por cabeça

Seipel chanceler austriaco aproveitara as despesas pagas dum missão de investigação artística para visitar, de «borda» a Turquia, esse país que é um remendo de sonho asiático cosido em plena Europa.

Mas oh desilusão! — Chegara tarde o pobre chanceler! Da velha Turquia das narrativas de Lotti e de Ferrère, da sonolência, das cores vivas, das fôfas comodidades, das fantasias e dos harens, nada restava. Os *fez* vermelhos tinham sido substituídos pelos chapéus de côco; os antigos serralhos dos Pachás sensuais e glutões, estavam transformados em cinemas, ou em cafés estilo parisiense; o encanto de misterio que produzia na alma dos viajantes a ausência, quasi absoluta de mulheres e os véos com que, as poucas que apareciam, velavam o rosto, também não existia já: Na multidão incolôr, banal, gemea a todas as multidões da Europa e da América, passeavam livres, de rosto descoberto, feias umas e bonitas outras, mas todas desinteressantes pela vulgaridade europeia dos seus trajes e da sua liberdade, as ex-escravas dos harens.

Todos os viajantes que com ele se en-

contravam na Turquia, à busca de sonhos e de emoções sofriam, com enfado e tristeza, a sua europianização. E conta-se que o velho chanceler, que não anda muito bem de fundos, ao regressar à Austria propôs aos capitalistas, a fundação duma minucula Turquia, uma espécie de feira com figurantes de *fez* na cabeça, harens scenográficos e odaliscas contratadas em qualquer *music-hall*, e um porteiro a receber um tanto por cabeça. Se o chanceler conseguir realizar este projecto deve atrair não só a visita de todos os turistas que já não encontram na Turquia o velho e belo espectáculo turco, como ainda os próprios turcos conservadores, nostálgicos do passado e dos antigos costumes proibidos.

O navio — deserto

HA muito tempo que, projectando uma obra completa em tomos mensais, colecionamos enigmas e misterios de todos os seculos; e dissemos de todos os seculos porque o Destino muda de feitio e de tecnica aos enigmas dando-lhes o caracter especial da época em que intrigavam a Humanidade. Os misterios dos seculos XIV e XV, com os Borgias e Talvanis a fazerem de prestigitadores e com o veneno e a mascara e o punhal dos *desdetti* a servirem de *truc*—em nada



A abordagem dos marinheiros ingleses ao navio deserto «Maria Celeste»
(Gravura da época)

se assemelham aos misterios do nosso seculo, que são misterios que vôm em aeroplano e que irradiam pela T. S. F.

O misterio do navio americano «Maria Celeste» é bem um enigma do seculo XIX e dos mais assustantes para o espirito e para a imaginação de todos os que temos catalogado. Compreende-se que todo o mundo se apaixonasse obsessivamente por ele e que houvesse monopolizado todas as conversas durante muitos anos. Ao que parece a couraça que o defendia foi perfurada agora pela luz de uma inesperada revelação. Ao cabo de 37 anos

—encontrou-se— o fio dessa enlouquecedora meada. E é esta a razão porque vamos evocar neste jornal, em pleno ano de 1929—esse misterio retumbante de 1873.

O navio «Maria Celeste» pertencente ao porto de New York tinha partido em 2 de Setembro de 1872 no transporte de mercadorias para Genova. O capitão, Benjamin Griggs, fazia-se acompanhar de sua mulher e duma filha de 7 anos. A tripulação e dois passageiros treze pessoas — numero fatidico! Durante 4 meses o proprietario do navio não recebeu noticias. Não se inquietou dada a grande confiança que depositava no capitão. Em Janeiro de 1873 recebeu communicação do consul dos Estados Unidos em Gibraltar de que um barco ingles, o «Dei-Gratia», conduzia ao porto o «Maria-Celeste» encontrado em pleno oceano num estado absolutamente perfeito, mas sem ninguem a bordo.

Na realidade o «Dei-Gratia» estava a 300 milhas de Gibraltar quando se aperceber dum navio que parecia negavar sem direcção. Fizaram-se-lhe sinais sem que fossem correspondidos. O barco ingles aproximou-se do navio misterioso e viu que se chamava «Maria-Celeste». Uma lancha conduziu o capitão e dois marinheiros a bordo e constataram que o navio estava absolutamente deserto. Mas não era tudo: para cumulo da surpresa não encontraram um unico sinal de acidente.

Pelo contrario, a ordem era absoluta. No livro de bordo a ultima inscrição datava de 4 de dezembro. Malas, dinheiro e viveres, tudo intacto. Podia dizer-se que a tripulação tinha partido ha poucos instantes. A mesa do capitão estava posta. Na cozinha sobre um fogão encontravam-se caçarolas ainda quentes. Em tres chaceas o chifre tinha tido tempo de arrefecer. Um gato dormia em cima d'um armario. Um piano abeto e sobre o cavalete uma partitura de musica. Na cabine do capitão um relógio d'ouro tiquet-queava ainda. Neste drama misterioso um unico detalhe parecia esclarecer a situação: na cabine do contra-mestre encontrava-se, em cima d'uma mesa, uma ardósia onde estavam escritos os sinais meteorológicos e, em volta estas 3 palavras: «Estranho, minha querida!» O «Maria-Celeste» foi rebocado até Gibraltar e lá a aventura pareceu de tal ordem extraordinaria a todos que o procurador geral encarregou uma comissão de fazer um inquerito afim de decifrar o enigma. O inquerito não deu resultado. Segundo a legislação maritima o «Maria-Celeste» passava a sôr propriedade dos que o haviam encontrado e rebocado. Oficialmente deixou de se falar no assunto, mas a noticia apaixonou o mundo inteiro. Todos procuravam uma explicação plausivel. Um magazine ingles promoveu um concurso entre os seus colaboradores habituais e os seus leitores para a solução do problema. As respostas não foram satisfactorias. Morrison, rival do Conon Doyle, supoz que um marinheiro d'uma força prodigiosa teria massacrado os seus 12 companheiros de viagem e os teria lançado á agua. O proprio Conon Doyle não foi mais feliz supondo que um mulato teria cometido os mesmos crimes por odio á raça branca.

Recentemente um escritor ingles, Laurence J. Keating, occupou-se da questão e publicou um livro baseado—diz ele—sobre novos documentos: a explicação não procurada seria a mais simples: O abandono misterioso do navio americano teria sido combinado entre o capitão do «Dei-Gratia» e do «Maria-Celeste» para permitir ao primeiro receber o premio da *sabotage*. Os passageiros teriam sido escondidos no porão do «Dei-Gratia» e um d'elles, cozinheiro a bordo do barco americano, viveria ainda em Liverpool com 93 anos e teria sido ele quem contou, agora, a historia, a M. Reating.

Feuerheerd Bros. & C.^a Ltd.^a

Tendo sido ha dez mezes victima de uma ilegal e violenta apreensão dos vinhos dos seus armazens e estes fechados e selados por dois empregados da Alfandega, a firma Feuerheerd Bros. & C.^a Ltd.^a torna publico o seguinte:—

Essa apreensão foi julgada ilegal por sentença do meritissimo Juiz Balthasar Pereira que ordenou a reabertura dos referidos armazens; e seguindo o processo por transgressão com fundamento em ter sido ahí encontrado vinho a menos, foi a dita firma absolvida de qualquer responsabilidade por se não provar essa transgressão, por sentença do meritissimo

Juiz Graça, tendo sido essa sentença definitivamente confirmada por um venerando Acordão da Relação do Porto hoje publicado e tirado por unanimidade de votos de três doutos Desembargadores, ornamentos daquele Tribunal, os Ex.^{mos} Srs. Drs. Urculú, Alcojorado e Magalhães.

Porto, 27 de Julho de 1929
Por Feuerheerd Bros & C.^a Ltd.^a

O Director
(Assinatura ilegivel)
Segue o reconhecimento

Agencia
Nicolau Ferraz

PASSAPORTES

R. LOUREIRO, 60
PORTO

Telegramas—Silferráz
Telefone—702

Chargeurs Réunis Sud-Atlantique

Para o BRAZIL e RIO DA PRATA

Para Carga, Passagens e quaisquer esclarecimentos, trata-se com os Agentes Gerais em PORTUGAL

Comptoir Maritime Franco-Portugais, Limitada

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATOS

No PORTO: R. da Alfandega, 7

Telef. 22025-22026-C

Em LISBOA: Cais do Sodré, 32 a 38—TELEF. 2292-2294-C

Hotel e Restaurante Central

Restaurante ao rez-do-chão—Hotel no 1.^o andar

35, Campo da Republica, 39

BARCELLOS

E' o mais bem situado. O mais amplo. O que melhor serve. Cozinha á portuguesa. Especialidade em vinhos da Região. Luz electrica em todos os aposentos. Garage. Proprietario:

Manuel da Cunha Arantes

O ultimo Sucesso de Livraria

Cemiterio da Gloria
— e da Saudade —

2.^a volume das

Obras Completas do
REPORTER X.

A' venda em todas as livrarias

Amarelo, vermelho e branco

Os periodicos anunciaram a iminencia de uma guerra entre a Russia e a China, publicando simultaneamente uma serie de considerações que deixava no espirito do leitor a convicção de que o conflito não prosseguiria. Os jornais estrangeiros não foram tão longe. Quasi limitaram a sua attitude ás informações do que se passava. A maioria proclamou desde logo a inviabilidade dum conflito armado. Razões? A guerra, dizem os entendidos em materia de politica internacional, só conviria ao Japão. Deste modo tinha, fatalmente, do desagradar aos Estados Unidos; e, neste momento, o que desagrada aos *Janques* não convem á grande maioria dos paizes europeus. Conclusão: A guerra china—russa; antes de ter de não existir, já tinha de não existir. E' quasi como a pescada.

Ignorava o a Russia? Ninguem tem a ingenuidade de o supór. Os bolchevistas agitaram o assunto ficando a saber melhor do que dispõem... E já agora não deixo correr a libre sem recordar aquella sentença da sabedoria das Nações:

Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.

A Russia auxiliou a China a desviar-se de certas potencias que lhe apertavam os calos. Pagou-lhe em chinês... E' talvez por isso que não se precebe nada... Neste esboço de conflito houve um promenor que aplaudimos; quando alguem pretendia servir de medianteiro os interessados fizeram sentir que a charanga não metia musicos da aldeia.

No tocante aos russos brancos os chinezes entenderam que não diziam bem com amarelo e vermelho.



Chiang Kai Shek, Presidente do Gov. Nacionalista da China

O sangue da morte

Os jornais austriacos, entre eles «Die Tempo», informam da mais extraordinária experiencia de transfusão de sangue realisaada até hoje. Jorge Morrar tentará suicidar-se golpeando os pulsos á laia de Petronio. Quando o levaram para o hospital de Klausembourg a sua vida perigosa pela quantidade de sangue perdida. Nesse instante expirava no hospital uma pequena de 18 anos que tinha sido atropelada por um automovel, *mademoiselle* Janca, e conduzida ali ao mesmo tempo que Jorge. O Dr. Werner, uma ceeleridade gloriosa para a sciencia austriaca, realisoou a transfusão de sangue do corpo morto para o corpo vivo. E o alucinado Jorge Morrar salvouse graças a um cadaver.

Esta inedita experiencia de transfusão exemplifica mais uma vez que a vida nasce da morte. Os romanticos do seculo pasado soltavam felizes o ultimo suspiro na certeza que o seu corpo, ao diluir-se na terra mãe podia, tempos depois, causar uma algéria nova aparecendo sob a forma de cravo num vaso que qualquer Mimi de

Montmarte, cultivasse com ternura, na varanda da sua mansarda.

As epocas são outras e a sciencia não espera que a morte faça a sua misteriosa e longa obra de transformação.

Não dizem os jornaes o que fez o jovem Morrar ao saber o segredo do seu salvamento. Mas por muito grande que fosse o seu entusiasmo de ressuscitado, por muito profunda que fosse a sua gratidão pela generosa morta, devia ter sentido uma arripiadela violenta ao pensar que o que circulava pelas suas veias, que o que enchia o seu coração, era sangue tirado a um cadaver.

Os artistas e a fortuna

Angel Lizcano, o veterano dos pintores espanhois, autor de alguns quadros apreciadissimos, e a favor de cuja miseria ainda ha pouco a imprensa madrilenha abriu uma subscrição, acaba de morrer na mais angustiosa pobreza.

Mas que admira que os artistas mediores morram na miseria—quando tantos genios, daqueles de quem a Humanidade fica eterna devedora em obras de regeneração e de Belesa (que a cohabitação com a Belesa é scientificamente regeneradora) desapareçam não só martirizados pela pobreza como martirizados pela ingratidão cruel, ignorante, inquisidora dos seus contemporaneos—miseria pior do que a outra?

Os triunfos do feminismo

Na memoria de todos está ainda o celebre escandalo de Mm Hanau que foi directora dum Banco, em França e possuia um jornal quasi na exclusiva função de defender os seus macabros e tenebrosos planos de alta-finança.

Agora, em Paris, a policia prendeu a directora duma sociedade financeira, por cometer escroqueries que ultrapassam a 3 milhões de francos. Nesta epoca de triunfos femininos nada é já para admirar. Ha mulheres advogadas, chauffeurs, diplomatas, e até... escrócs. E quando elas atingem a perfeição praticando a escroquerie—elas que mesmo quando são honradas occultam na alma um pequeno Arsenio Lupin—em pleno uso da mentira são geniais. Um homem escroc é-o, quasi sempre, por causa duma mulher ou das mulheres em geral. Uma mulher escroc é-o por si. Em trez anos deram-se oito casos semilares ao de Hanau—e só dois, «Angola e Metropole» e o de Budapest foram praticados por homens. Dos restantes são mulheres os seus protagonistas... Eis a razão porque elas reclamam insistentemente, num impertinente sufragismo, eguaes direitos ao do homem... E já que tanto se pugna por um regimen equitativo vão sendo muito horas dos escrocs masculinos pedirem direitos identicos aos das mulheres... para roubarem como elas...

BREVEMENTE: A SEGUNDA E ULTIMA REPORTAGEM SOBRE O "HOMEM DAS LIBRAS DE LOUÇA."

O Caso do Comendador Faria

Sabe-nos bem recordar o episodio em que conhecemos o comendador Faria. Estava-mos frente a frente como duas maquinas fotograficas que se kodakizam ao mesmo tempo; e como pela fatalidade de um segundo infeliz tiramos um pessimo retrato da alma um do outro.



Comendador Faria illustre brasileiro que se encontra no Porto

Terminaramos, havia pouco, em o diario de «A Tarde» uma campanha de 55 artigos de grande espaalhamento internacional: «A Historia da Ditadura Espanhola». Estrondeava, entretanto, a revolução de S. Paulo e um illustre camarada nosso, iniciára uma série de artigos energicos girando em de-redor da repressão federal. Aprestaram-nos ao comendador Faria na «Brazileira» do Chiodo. E ao escutar o

nosso nome crispou-se-lhe o rosto, attribui-nos os artigos que ele apodava de offensivos para a Patria e na calentura febril do seu brazileirismo não podia admitir que soasse um adjectivo menos lisongeiro a respeito do «seu Brazil». Por espirito de camaradagem para com o colega autor dos artigos emudecemos ante a accusação; e ante o nosso silencio ele foi violento, brazileiramente delicado. E insinuou que não esquecia nem perdoava. Encolhemos os hombros—e afastamo-nos na disposição de nunca mais cumprimentarmos o comendador Faria.

Um mez depois sentiamos, de subito, duas mãos fortes pesarem sobre os nossos hombros. Vinha sorridente, alegre, feliz. E comunicou-nos:—Acabo de saber que não foi você o autor dos artigos contra o Brazil—e arrependo-me sinceramente do que lhe disse outro dia. Vamos tomar o *shop* da paz?

Uma vez (conhecemos a historia e abusamos desse conhecimento repetindo-a) ele, como comerciante que era então, tinha uma letra a vencer ao meio dia; saiu de casa ás dez, para a resgatar com a sua pontualidade habitual. Três vezes voltou ao escritorio a buscar a quantia para o banco—porque três vezes, voluntariamente ao ter conhecimento duma necessidade ou de uma angustia alheia não hesitava: descarteirava as notas e voltava a casa buscar mais.

Sob a máscara sincera de uma alegria sã e viva e ruidosa—oculta-se um simbolo de «brasileiro do Brasil», amando sensualmente a pátria a que está ligado—não por um acaso d'emigração mas pela terra que guarda os seus maiores. E rindo aponta para a lapela onde exhibe a cabeça emplumada de um indio e diz: «Este é que é o verdadeiro antepassado dos verdadeiros brasileiros». Tem ele o espirito dos europeus—e não possui o sangue dos Guaranys; mas dispõe como eles a generosidade da alma branca e o vermelho forte do coração. O comendador Faria ascendendo a um dos mais elevados postos do Lloyd Brasileiro reside actualmente no Porto. E esta deslocação, acidentada na sua vida—viva e inquieta de-novo a oportunidade gostosa de o silhuetarmos... por dentro.

GARAGE MODERNA CAITANO CASCÃO LINHARES

RUA ALMIRANTE REIS
POVOA DE VARZIM

Lavagem e recolhas—Vende óleo e gasolina Stoh peças Ford
—Stoh Michelin—Vendas a dinheiro Automoveis e
Camionetes de Aluguer

AGENCIA RUGBI

Tapetes de Beiriz

(PAT. REG.)

Medalha d'ouro—Rio de Janeiro 1923
Medalha d'ouro—S. Paulo 1925

Fornecedores para os melhores Hoteis, Clubs, Teatros, etc.

Fabrica em Calves—BEIRIZ a 3 km. da P. de Varzim

Agentes nas Colónias, Madeira, Brazil, Argentina, Cuba, etc.

End. Teleg.—ZARIZ—POVOA DE VARZIM

OLIVEIRA, ESTEVES & MACHADO

CAMISARIA E GRAVATARIA

Roupa branca para Senhora

Séde Rua Fernandes Tomaz 692 PORTO

Filial Largo do Café Chinez

POVOA DE VARZIM

A FLORAMOR

Confeitaria, Pastelaria e Cervejaria

SILVA & GONÇALES

Rua dos Cafés, 23 POVOA DE VARZIM

Fabrico diario das especialidades regionais.

Pasteis de Santa Terezinha—Clarinhas da Póvoa.
Bolo ala... arriba—Bolo Poveiro.

Bolo Floramor:—Especialidade que fabricamos todos
os domingos.

"A POVOENSE"

Agencia de Passagens e Passaportes

(Antiga Agencia do Padre Antonio)

Largo de Eça de Queiroz POVOA DE VARZIM

AS MELHORES

BOLACHAS E BISCOITOS

São as que se fabricam na

PADARIA E BISCOITOS VALONGUENSES

— DE —

Manoel Pereira Dias & Filho

Povoa de Varzim

Especialidade da terra, Queijadinhas de batata

Casa de Calçado Novidade

R. 5 de Outubro n.º 5

(Antiga Rua da Junqueira)

Povoa de Varzim

Sortido completo em calçado de todas as qualidades, meias, pousas e mais artigos por preços de combate.

Visitem esta casa

MERCEARIA CONFIANÇA

— DE —

José Rodrigues da Silva

R. Paulo Barreto—POVOA DE VARZIM

Sortido completo em todos os artigos de mercearia—Especialidade em vinhos verdes e brancos.

SALÃO IDEAL

— DE —

Umbertina Bastos

Atalier de Chapéus de Senhora e de crianças

Com uma linda colecção de modelos de Paris e executados com fino gosto neste atalier.

Rua 5 de Outubro, n.º 45
POVOA DE VARZIM

Restaurante Leonardo

— DE —

LEONARDO DAMATA

R. T. VALADIM—POVOA DE VARZIM

Esmerado serviço de cosinha, aceitam-se comensais e fornecem-se comidas.

ANTIGA CASA GASPARD DA MARIQUINHAS

Mercearia

— DE —

João Nunes Bento, Sucessores

R. L. Coelho, 8 e R. Antonio Graça, 69

Mercearia fina—Especialidade em chá, café e vinhos verdes

POVOA DE VARZIM

Casa de Bicicletes

— DE —

MARIO MARTINS DE ARUJO

Póvoa de Varzim

Sortido completo em accessorios para bicicletas e automoveis Artigos de caça e sport

BAR DA PRAIA

GUARDA-SOL

Povoa de Varzim

CAFE' PENINSULAR

RUA JOSÉ MALGUEIRA

Póvoa de Varzim

CAFE' ALIANÇA

Largo do Café Chinez

Povoa de Varzim

“Espinho—Praia”

Conhecemos, ha tempos, um rapaz afortunado e tão cheio de boa vontade que pouco espaço lhe restava no espirito para um pouco de raciocínio. E um dia numa hora de desabafo confidenciou-nos os seus projectos de futuros grandiosos, onde as prosperidades da patria se misturavam com a satisfação aos seus caprichos de sonhador desmeolado: fundar, em Portugal, uma fabrica de aeroplanos. Era esta a sua maior ambição. Sorrimos e cruelmente descastelamos á machadada de argumentos as suas utopias.

—Para que fazer aeroplanos no nosso paiz? — perguntamos. Isso seria crear mais uma industria parasitaria, entre tantas que já agravam a asma da economia nacional. Mas era o menos. Que condições possuímos para nos batermos com a concorrência dos paizes especializados já nesse fabrico? Nem materia prima, nem pessoal, nem sequer vantagens... Quem tiver capitais e aspirar a coloca-los com beneficio certo e directo para o progresso da pátria deve pôr de parte as fantasias e escolher o que constitue uma actividade natural e legitima, entre tantas cousas de tão facil natural e legitima exploração que andam desprezadas. E áqueles que guiaram a manobra da sua fortuna e da sua actividade, com a intelligencia que os conduz por este logico e patriótico caminho — todo o auxilio e elogio é um dever das pessoas inteligentes e amantes da sua terra, em geral, e dos que financeira e politicamente (no sentido governativo da palavra) em especial.

Veiu este rapido comentario, que é um logar comum, á força de repetido, e tambem quasi uma formula inedita á força de não ser compreendida ou pelo menos applicada — a proposito das inteligentes, patrióticas e tanta vez sacrificadas iniciativas e actividade dos homens que organisaram, mantem e desenvolvem a Empresa de «Espinho Praia».

Para que sonhar com indus-

trias inapantaveis e até ridiculas (pela indiscutivel e anticipada certeza de fracasso ruinoso — se Portugal é uma California de ouro, nos seus quasi virgens jazigos de beleza de tão facil exploração num turismo que seja moderno, intelligente e vivo? Espinho, por exemplo, é um spicimen flagrante e eloquente.

Poucos paizes, como Portugal, dispõem de tantas condições naturais para atrair, mover as grandes massas de turistas que representam um tesouro sempre renovavel para a economia nacional. Mas para isso não basta possuirmos a materia prima — inutil em absoluto se adormecemos sobre ela e se não existir homens como os da Empreza Espinho Praia e esses homens não encontrarem todo o apoio e facilidades a que tem duplo direito. O turista não suporta o aborrecimento, a monotonia e falta de comodidades provincianas por muitos encantos que tenha o paiz. Quer viajar, repousar com toda a comodidade e quer, sobretudo, divertir-se. O turista da nossa época tem os modelos de S. Sebastian, de Deauville, de Ostende, de Nice, de Monte Cabo... E se Portugal não competir, tanto em organização como em propaganda com os centros estrangeiros — pode deitar ao mar as superioridades dos seus encantos naturais.

— A frente do «Espinho Praia» encontra-se Mario Ribeiro, homem moderno, organisador europeu, com uma noção nitida e firme do que é a vida do seu seculo e que ofereceu todas as extraordinarias facultades de intelligencia, de actividade, de trabalhador — e até todos os seus recursos materiais a esta obra natural legitima e patriótica. Portugal que já lhe deve iniciativas que colocam Lisboa ao nivel de uma capital do seculo XX; que lhe deve a modernisação dos costumes, da vida lisboeta — ficou lhe devendo tambem Espinho-Praia. A sua acção veloz, segura, intellectual fez, em poucos mezes metamorfose completa na existencia daquela

praia; mas o muito que já se constituiu nada é em contraste com a largueza dos projectos futuros, que serão breve realidade se, repetimos, encontrar o apoio que tem o direito de exigir.

AGENCIA DE CONTRIBUITE

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 37 a 43
BARCELOS

JOSÉ CIBRÃO, leva ao conhecimento de todos os contribuintes que tem pessoal habilitado, para tratar de todos os assuntos das repartições públicas, especialmente da repartição de finanças, Camara Municipal e ontras.

POR EXEMPLO: Declarações de propriedades. Requerimentos e reclamações, e de todos os demais serviços como pagamento de contribuições.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Francisco José de Souza

R. D. ANTONIO BARROSO n.º 53
BARCELOS

Ferragens — tintas — vidros — rede-forte — Estanqueiro da polvora africana.

JOSÉ PERESTRELO

Carros de aluguer
(Limousine) «Nash»
BARCELOS

Au Dernier-Cri De La Moda

J. PEREIRA

TAILLEUR PARA HOMENS E SENHORAS
CAMPO DA REPUBLICA, 44
BARCELOS

Executa-se com perfeição e esmero todo e qualquer trabalho da sua arte por preços modicos, responsabilizando-se pelo trabalho que executar. Tambem confeciona casacos para senhora obedecendo ás ultimas exigencias da moda. Especialidade em obra de cinta. Fatos prontos em 24 horas. Execução rapida, perfeita e elegante. Fazem-se capas e sobretudo de baracha e gabardines para homem e senhora. **Sempre as mais altas novidades em modelos para confecções**

Mannel Pereira da Quinta

R. D. A. BARROSO, 21, 23 e 25
BARCELOS

Armazem de Merceria — Deposito de tabacos da Tabaqueira e da Companhia Portugueza.

JUVENALIA

A perola das Pomadas para calçado.

Representante e depositario

Feliciano Sobral

Telefone, 4353 Rua da Fabrica, 11-2.º PORTO

BAR DA GRUTA

O melhor restaurante de
BARCELOS

A PELARIA DE BARCELOS, L.^{da}

CAMPO DA GRANJA **BARCELOS**

Crout verniz e carneiras verniz (mouton)

FABRICO ESMERADO